

Comunicação, Corpo e Acontecimento :

Tarcyanie Cajueiro Santos, ECA/USP*

Este artigo faz uma reflexão acerca da comunicação, pensando-a como um processo, ou seja, como um fenômeno cujo caráter inexato e complexo abdica de uma conceitualização unívoca. Nesse sentido, ao tentar respeitar e dialogar com a inexatidão de seu objeto, propõe-se que a comunicação seja abordada a partir do corpo em sua imbricação com a cultura e a natureza. Daí nascem os modos de subjetivação, ou seja as atribuições de individualidade e as suas distribuições moventes no discurso, e com eles a própria comunicação. Este insondável, que ultrapassa a linguagem e a luz, constitui-se em um acontecimento que pressupõe deixar-se devorar e ser devorado pelo corpo próprio, pelo corpo do outro e pelo corpo do mundo.

Palavras-chave: teoria da comunicação; corpo; fluxos; acontecimento

* Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

* Mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Pesquisadora-bolsista da Fapesp, em nível de pós-doutorado, na ECA/USP e Membro do Filocom – Núcleo de Estudos Filosóficos da Comunicação. e-mail: tarcyanie@ig.com.br

À primeira vista a comunicação é algo dado, de fácil entendimento, mas quando começamos a pensá-la mais pormenorizadamente, logo nos deparamos com a dificuldade de compreendê-la e de traçar seus limites. No entanto, contrariamente a uma visão que considera que a comunicação não tem um objeto, porque ou ele é amplo/ou estrito demais, pressupomos que a sua riqueza deriva-se de seu caráter inexato e complexo. Nestes termos, a comunicação não apenas é um tipo de conhecimento específico, como também a sua especificidade é a de transbordar as fronteiras, o que condiz com as mais recentes descobertas científicas, afastando-se de um modelo do fazer ciência pautado na objetividade, neutralidade e na crença de que a verdade é cópia do real.

Não é sem motivo que este objeto se torna muito mais difícil e problemático por estarmos na dita “sociedade da comunicação”. A comunicação se transformou no discurso articulador de nossa sociedade. Em torno dela, há um grande mercado de instrumentos tecnológicos, cada vez mais belos, portáteis e eficientes, que visam o contato e a troca. Nunca, em toda a história da humanidade, o homem teve a sua disposição tantas máquinas de comunicar e tanta ânsia em possuí-las. Mas será que realmente hoje vivemos na sociedade da comunicação? Será que realmente nos comunicamos? Ou tudo isto não passa de uma quimera, um rótulo que nos ajuda a “engolir” insatisfações, frustrações e distúrbios cada vez mais freqüentes? ¹

Pensar a comunicação, procurando entendê-la a partir da época em que vivemos é uma tarefa árdua, especialmente quando esta é movida pelo império da velocidade, da constante renovação tecnológica e da reinvenção de modos de vida e de crenças. E ainda mais, quando, do ponto de vista do processo comunicacional, o emissor, a mensagem e o receptor são enviados a uma órbita circular e entram em um processo de implosão de suas partes, fazendo-nos duvidar das teorias clássicas, baseadas em um esquema seguro e eficiente. Neste caso, a questão que se coloca é, mas afinal, quem é hoje o receptor? Não seria ele o próprio emissor? Sendo o emissor muitas vezes o receptor de sua própria mensagem, ainda haveria comunicação neste vai-e-vem do um para o mesmo?

Talvez esteja aí uma pista para podermos trabalhar teoricamente a comunicação e seu objeto indefinível sem que precisemos amputá-la. Trata-se, não de superar teorias na pretensão de uma dialética cuja síntese suprema possa abarcar a complexidade do

¹ Pensamos, por exemplo, nas *doenças da alma*, como a sociofobia, o stress, a síndrome do pânico, a anorexia, os diversos tipos de vícios, etc, que se associam a depressão, patologia difícil de ser compreendida e que mais tem crescido no mundo contemporâneo, de tal forma que os psicanalistas se referem a ela como a sinalizadora das novas subjetividades.

fenômeno comunicacional, mas de apontar um caminho que nos tire do impasse que teorias hoje associadas ao pós-modernismo nos coloca, como são aquelas que compreendem a visão de mundo Frankenstein. Tais teorias, segundo Sfez, expressam-se pelo termo tautismo e dizem respeito à criatura que acaba se impondo ao criador. Como o próprio autor ressalta, esta abordagem comunicacional, ao denunciar a implosão das noções de emissor, da mensagem e do receptor, ocasionada pelas novas tecnologias, acaba sacralizando o tautismo, que é aquilo que elas denunciam. Assim:

Se seguimos totalmente Baudrillard, nada podemos fazer nem dizer. Todos os atos e todos os nossos enunciados são prisioneiros da armadilha que denunciam. Agir ou escrever é, na verdade, reforçar a armadilha, um pouco como os movimentos desordenados dos que se afundam em areia movediça [Sfez 1994:10].

Neste aspecto, precisamos pensar a comunicação evitando cair em esquemas dicotômicos, sempre redutores e fáceis, como por exemplo, o oriundo da teoria da informação que empresta sua concepção de comunicação a diferentes escolas. Sejam àquelas que Umberto Eco, em 1964, chamou de integradas e de apocalípticas, que apesar de seus antagonismos consideravam a comunicação como um simples envio de informação, centrada na capacidade difusora dos *mass media* para transmitir suas mensagens a um grande público, caindo na questão do controle e da dominação social². Ou às atuais, que transpõem a problemática daquelas, mas ainda se baseiam na representação clássica do esquema da comunicação: emissor/mensagem/receptor. Pois de um lado, afirmam que a Internet, seguindo a linha dos integrados, é a nova racionalidade, síntese da nova comunicação, ampliando a possibilidade de contato e troca com todo o mundo; de outro, as que dizem que a Internet, à moda dos apocalípticos, é um risco para a humanidade diminuindo o contato e o relacionamento entre as pessoas, fazendo-as caírem em um poço de solidão e de esquizofrenia.

Nesse sentido, temos abordagens, as quais apesar de seus diferentes desfechos acerca do impacto da comunicação no mundo contemporâneo, partem de uma visão

² Tais termos remetem a duas grandes correntes teóricas que dominaram a pesquisa comunicacional: a Escola Americana e a Escola Européia. A primeira, que busca conhecer a dinâmica e a natureza do processo comunicacional, é considerada integrada porque vê a sociedade como um organismo que deve funcionar harmonicamente. Para tanto, as funções diversificadas das quais é dotada devem ser trabalhadas com busca à manutenção e ao equilíbrio de seus órgãos ou funções sociais. “Dessa forma, atribui à comunicação três funções básicas: a vigilância sobre o meio ambiente, a correlação das partes da sociedade em sua integração ao meio, a transmissão da herança social de uma geração a outra” [Soares, 2002:97]. A Escola Européia, por conceber a comunicação como produtora de bens da indústria cultural e geradora de efeitos de dominação sobre os receptores, é vista como apocalíptica. A comunicação, oriunda do capitalismo tardio, nada mais seria do que o declínio da razão libertadora por uma razão instrumental, que escravizaria a todos que vivessem sob a sua égide.

estreita do que é o comunicar, imputando a este fenômeno uma concepção simplista da técnica, que tanto pode aparecer como o seu principal fomentador provendo a sociedade de novos meios de junção, quanto o seu destruidor, na medida em que acabaria corroendo os laços sociais.

Tampouco a lingüística e a sua análise estrutural do signo parece ser o caminho onde possamos apreender a comunicação em sua ambigüidade, respeitando a sua zona de nebulosidade, o que parece ser uma das maiores riquezas deste fenômeno.

Apesar de ampliarem à análise comunicacional e trazerem uma grande contribuição a esta área de pesquisa, principalmente através de um enfoque que ultrapassa a fórmula clássica do emissor, da mensagem e do receptor, ainda assim as ciências da linguagem parecem aprisionar a comunicação em conceitos um tanto quanto apriorísticos. Pois ao “fechar a linguagem sobre si”, referindo os enunciados aos significantes e as enunciações aos sujeitos, a lingüística, como criticam Deleuze e Guattari [2000:41], faz com que as unidades ou as constantes abstratas da linguagem tenham muita importância, em detrimento das circunstâncias, dos atos e dos acontecimentos.

Nesta abordagem, o signo lingüístico, formado em uma combinação dual entre significante e significado, aparece como o mediador da comunicação, “não havendo possibilidade de transmissão de mensagem sem que haja, mesmo elementarmente, um processo de mediação por signos” [Gomes, 2001:34]. Se ao dito se identifica o enunciado, ao dizer se identifica a enunciação, que é o ato do qual resulta o enunciado. Nele, o sujeito aparece como efeito da enunciação e é apenas “ao confundir-se com o enunciado que ele se coloca como equivalência do pensar” [Gomes, 2001:47]. No entanto, nas ciências da linguagem, não se trata de qualquer sujeito, pois é o sujeito do inconsciente que existe na enunciação e se estrutura como uma linguagem, por meio do entrelaçamento de vários discursos, organizados a partir da função de significante, que é o estatuto do enunciado.

Nesse sentido, a linguagem, enquanto um termo extensível ao signo, é considerada o principal sistema semiótico humano. Mais do que isso, a linguagem é vista como fundante do humano, articuladora das relações sociais e lugar da criação da subjetividade. Assim, só haveria realidade social como realidade discursiva, pois o domínio discursivo³,

³ De acordo com Soares [2003:24], no pressuposto lingüístico, O discurso é a língua em ato e é para onde convergem as diversas propostas teóricas em relação à comunicação. Nas palavras da autora, “os discursos delinham a massa amorfa do caos e ao fazê-lo, instituem e produzem realidades que dão a ver o mundo, falam o mundo, fazem o mundo: fora de suas margens não há realidade. Este indiferenciado resta para sempre desconhecido, ilimitado em sua possibilidade de vir a ser conhecido mas sem sê-lo, pois, no momento em que se fizer conhecido já não será mais o caos, terá sido

enquanto articulador das concepções simbólicas, é o lugar onde se fazem e desfazem os laços sociais, isto é, o lugar instituinte do sujeito e das realidades que o situam.

Seguindo as trilhas abertas por Deleuze e Guattari em sua crítica ao significante e ao “pequeno segredo sujo” sobre o qual se apóia e que sempre remete a algo, podemos dizer que a comunicação em si não diz nada, não aponta para nada. O seu sentido e objeto emergem dessas relações. Nada atrás disso, nada além disso.

Nesta concepção, a comunicação parece como um rastro, nos remetendo sempre a outras relações⁴. É aqui que o conceito de arqui-escritura de Derrida, como um momento de libertação do logocentrismo, aparece enquanto proposta para se pensar a comunicação. A arqui-escritura se insinua a partir de outra lógica, não mais sujeita a um logos e a uma verdade, mas a uma abertura, um devir, sem início ou fim, onde tudo se origina pelo intermediário, pelo meio. Nesse sentido, arqui-escritura é apenas a “possibilidade originária” da palavra falada e a escrita em seu sentido estrito. *Possibilidade*, pois não existe origem, mas suplemento, *diferença*⁵, isto é, algo que substitui as coisas:

Um adiar para outro tempo e um ‘estar se diferenciando. A diferença admite um antes e um depois, mas adia indefinidamente o momento em que essa separação ocorre. Jamais chegaremos a diferença originária que poderia agir como base para a cadeia de significações⁶.

Como não há origem, não há sutura entre opostos, como natureza e cultura, corpo e espírito. O que existe são rastros, indícios nos fazendo reconhecer que algo ou alguma coisa existiu. Aqui não é a presença que comanda, mas seu apagamento, seu simulacro que deixa as pegadas de uma origem que em si nunca pode ser visualizada, pois, o rastro é um vir-a-ser-imotivado⁷.

transformado em verbo” [Idem, *ibidem*:47]. Gomes [2001:37], por sua vez, diz que a natureza do signo é extensível ao termo linguagem, de onde “(...) se compõem discursos, vistos como fala estruturada ao redor de um conjunto de articulações pelas quais o homem se relaciona com o mundo com essa peculiar propriedade que é a ‘construção’ de mundos, repetindo uma particularidade do signo”.

⁴ Segundo Derrida, “a origem, o ponto de partida inicial, é algo inacessível. Trata-se de um lapso, um piparote: mal começou, já mudou; o dia seguinte da festa é semelhante à véspera” [Marcondes Filho, *Introdução ao pensamento de Jacques Derrida*, mimeo.]. Como não há origem, não há sutura entre opostos, como natureza e cultura. O que existe são rastros, indícios nos fazendo reconhecer que algo ou alguma coisa existiu. Aqui não é a presença que comanda, mas seu apagamento, seu simulacro que deixa as pegadas de uma origem que em si nunca pode ser visualizada, pois, o rastro é um vir-a-ser-imotivado: a impossibilidade de restituir totalmente a evidência de uma presença originária.

⁵ “Um adiar para outro tempo e um ‘estar se diferenciando”. A *diferença* admite um antes e um depois, mas adia indefinidamente o momento em que essa separação ocorre. Jamais chegaremos a diferença originária que poderia agir como base para a cadeia de significações [Marcondes Filho, *op. cit.*]

⁶ Idem, *ibidem*.

⁷ “Assim, não seria preciso dizê-lo, o rastro não é mais natural (não é marca, o signo natural, ou o índice no sentido husserliano) que cultural, não mais físico que psíquico, biológico que espiritual. É aquilo a partir do qual um vir-a-ser-imotivado do signo é possível e com ele, todas as oposições posteriores entre a physis e seu outro” [Derrida 1973: 58].

Por isso, neste artigo, a comunicação é pensada por meio da noção de texto e não de signo. Como enfatiza Derrida, o signo permanece na descendência do logocentrismo, como um fonocentrismo, pois tal noção implica nela mesma a distinção entre significado e significante, como duas faces de uma moeda. Isto é, como “proximidade absoluta da voz e do ser, da voz e do sentido do ser, da voz e da idealidade do sentido do ser” [Derrida 1973:14]. Proximidade que tem raízes metafísico-teológicas e se vincula a muitos outros sedimentos ocultos, como por exemplo, a diferença entre o sensível e o inteligível, de um significado “verdadeiro” que acaba remetendo a um logos absoluto.

Como “não há símbolo e signo e sim um vir-a-ser-signo do símbolo” [Derrida 1973:58], a noção de texto se torna mais apropriada para captar o movimento de comunicação. No texto, há algo que possibilita que o autor diga sempre uma “coisa diferente do que ele *queria dizer*” [idem, *ibidem*]. Isso significa que o texto possui uma estrutura indecível e ilegível, tal como a cadeia de suplementariedades, em que não há começo nem fim, mas um ponto qualquer inalcançável.

Se pensarmos o texto a partir da perspectiva de Ivan Bystrina, podemos trabalhar ainda mais a comunicação em sua perplexidade, em sua ambigüidade, levando em conta que dela não se esquivam as dimensões da natureza e da cultura. Segundo este autor, cada texto pode ter diversos significados e sentidos múltiplos. Tal como uma estrutura arqueológica, as interpretações e as mensagens dos textos “se armazenam à maneira de camadas superpostas umas às outras, partindo das mais simples e superficiais às estruturas mais profundas e complexas” [Bystrina, 1995: 18], em um movimento de sobreposição e de reenvio.

Bystrina chama atenção ao imbricamento entre a natureza e a cultura no processo de produção de textos. Para este autor, a “segunda realidade”, a cultura, insere-se na “primeira realidade”, a natureza, de tal forma que é impossível pensarmos uma sem a outra. Morin é outro autor que fala que a realidade humana é simultaneamente biológica, psíquica e social. Ao defender o pensamento da complexidade, aponta para a relação recursiva, dialógica, complementar e circular entre indivíduo/espécie/sociedade, onde o homem deve ser entendido em seus diversos níveis, ou seja, como “*Homo demens*; que *Homo faber* é, ao mesmo tempo, *Homo ludens*; que *Homo economicus* é, ao mesmo tempo,

Homo mythologicus; que *Homo prosaicus* é, ao mesmo tempo, *Homo poeticus*” [Morin 2000:42].

A comunicação, nesta perspectiva, é um fenômeno onde convergem e podem ser mobilizadas tanto as ciências naturais como as ciências humanas. E ainda, se pensarmos que hipoteticamente a comunicação ocorre a partir do vínculo, então o corpo tem primazia neste processo, como elemento primeiro de vinculação. Nosso corpo recebe todo um aparato para ir ao encontro do outro, tocá-lo, partilhar com ele, mas também repeli-lo. É neste encontro entre o meu corpo e o corpo do outro que ocorre o primeiro passo rumo à comunicação. Harry Pross, teórico alemão, chamou atenção à importância do corpo como meio de comunicação. Esta primeira mídia, a primária, segundo o autor, “funde ‘em uma [única] pessoa conhecimentos especiais’”. Isto de tal modo que, segundo Norval Baitello⁸,

esta pessoa torna-se então mídia. (...). Impensável qualquer interação de um indivíduo com outros indivíduos sem o corpo e suas muitas e múltiplas linguagens, os sons, os movimentos, os odores, os sabores e as imagens que se especializam em códigos, conjuntos de regras com seus significados, frases e vocábulos corporais.

Mais ainda, o corpo não é apenas mídia, pois enquanto texto ele está na base de toda comunicação, alterando e sendo alterado por meio de “uma complexa intersecção entre natureza biofísica, natureza social e cultura”⁹.

Assim, como algo vivo, o corpo que é biológico e semiótico, pode ser a chave para o entendimento do complexo processo de comunicação, na medida em que a sua abertura textual e seu imbricamento de sentido aponta para uma comunicação pensada como acontecimento, superfície de contato ou ponto de confluência. Como todo texto, o corpo “é uma unidade que se complexifica, se altera e se transforma com a história, porque é fruto de diálogo com os outros textos, com outros tempos, com o passado e a sua memória, mas também com o futuro e seus projetos, sonhos e utopias”¹⁰.

Deste modo, a compreensão e o mapeamento da comunicação, de suas relações e manifestações pressupõe, assim pensamos, as diversas conexões que com ela são travadas. Isso porque, mais do que uma essência, a comunicação é um acontecimento, que está

⁸ Baitello. “A mídia antes da máquina”. *JB On-line, Caderno Idéias*. Sábado, 16/10/1999.

⁹ Idem, ibidem.

¹⁰ Idem, ibidem.

sempre se modificando e se antecipando, assim como o objeto maligno de Baudrillard [1996], ao nosso olhar e às nossas tentativas de aprisioná-lo e submetê-lo às prescrições teóricas e metodológicas.

Ainda com Deleuze e Guattari, podemos radicalizar a concepção de corpo, que deixa de ser pensado como algo que pertence a uma individualidade para assumir uma acepção mais complexa e plural: a de imanência e a de singularidade, que rompe os limites e as fronteiras do eu com a dilaceração do território restrito da individualidade e da inserção do sujeito em outras territorialidades. A comunicação, nesta perspectiva, não é um campo ou uma relação que ocorre entre dois indivíduos, dois egos distintos, entre duas mônadas isoladas, ou mesmo na relação entre as palavras e as coisas, ou seja, entre a designação, a significação e a significância da linguagem e o meio físico, o mundo inteligível ou sensível das coisas¹¹.

A comunicação está em um campo que não apenas compreende a irreducibilidade entre o falar e o ver, a linguagem e a luz, mas também que parece ultrapassar esta irreducibilidade rumo à dobra, ao entrelaçamento ou ao quiasma e, mais ainda, ao sentir. Ora, a não relação entre a linguagem e a luz não inviabiliza a comunicação?¹² A comunicação, então, talvez pressuponha estas duas condições, que são os enunciados e as visibilidades, onde as idéias se formam e os comportamentos se manifestam. No entanto para ocorrer, ela deve participar do lado de dentro, vertendo este lado de fora, gerando um entremeio, ou um entrelaçamento no interstício do ver e do falar. Daí nascem os modos de subjetivação, ou seja as atribuições de individualidade e as suas distribuições moventes no discurso, e com eles a própria comunicação, este insondável que ultrapassa a linguagem e a luz, constituindo-se em um outro lugar.

¹¹ Deleuze, ao comentar a crítica de Foucault à fenomenologia, afirma que o colocar entre parênteses da fenomenologia não a leva a superar as palavras e as frases em direção aos enunciados, nem as coisas e os estados de coisas em direção às visibilidades, permanecendo em um exercício empírico. Isto é um erro do pressuposto da intencionalidade fenomenológica, pois, segundo Deleuze, enquanto nos atemos às coisas e às palavras, podemos crer que vemos aquilo que falamos e que falamos daquilo que vemos e que ambos se encadeiam. “Mas, assim que abrimos as palavras e as coisas, assim que descobrimos os enunciados e as visibilidades, a fala e a visão se alçam em um exercício superior, ‘*a priori*’, de forma a cada uma atingir seu próprio limite que a separa da outra, um visível que tudo o que pode é ser visto, um enunciável que tudo o que pode é ser falado”. Deste modo, “os enunciados não visam a nada, porque não se relacionam com nada, tal como não exprimem um sujeito mas apenas remetem a uma linguagem, a um ser-linguagem, que lhes dá objetos e sujeitos próprios e suficientes como variáveis imanentes. E as visibilidades não se desdobram num mundo selvagem que se abriria a uma consciência primitiva (antepredicativa), mas apenas remetem a uma luz, a um ser-luz, que lhes dá formas, proporções, perspectivas propriamente imanentes, livres de todo olhar intencional” [Idem, 1988:74;116].

¹² Talvez esteja aí, pelo menos para alguns, algo que tornaria a comunicação difícil de ser realizada, na medida em que segundo Foucault, “‘por mais que se diga o que se vê, o que se vê não se aloja jamais no que se diz, e por mais que se faça ver o que se está dizendo por imagens, metáforas, comparações, o lugar onde estas resplandecem não é aquele que os olhos descortinam, mas o que as sucessões da sintaxe definem’” [Deleuze, 1988:74-5].

Lugar outro que pressupõe deixar-se devorar e ser devorado pelo corpo próprio, pelo corpo do outro e pelo corpo do mundo. Na busca talvez do que Deleuze chama de corpo sem órgãos, que se liga aos agentes de desterritorialização e de fluxos, contrariamente às territorializações que operam no corpo e formam organizações que remetem ao que Michel Foucault chama de biopoder. Assim, diversamente do “corpo organismo¹³”, minuciosamente dissecado e enquadrado em uma lógica do dentro e do fora, do eu e do outro, do poder e do saber escrutados pela linguagem, o corpo sem órgãos “é feito de tal maneira que ele só pode ser ocupado, povoado por intensidades. Somente as intensidades passam e circulam. Mas o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde algo aconteceria. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar” [Deleuze, 1996:13].

O corpo sem órgãos parece ser um local onde as intensidades passam, implodindo a dicotomia do eu e o outro, em virtude de singularidades que não podem mais ser consideradas pessoais e que não podem mais ser chamadas de extensivas, pois circulam no campo da imanência:

O campo de imanência não é interior ao eu, mas também não vem de um eu exterior ou de um não-eu. Ele é antes como o Fora absoluto que não conhece mais os Eu, porque o interior e o exterior fazem igualmente parte da imanência na qual eles se fundiram [Deleuze, 1996:18].

Neste processo de perdas e de ganhos, de transmutar-se, de fluxos e de intensidades, que deixa seqüelas nos corpos, ocorre o vínculo, a troca, selando a comunicação, mesmo que por um breve espaço de tempo.

¹³ Segundo Deleuze, “o organismo não é o corpo, mas um estrato sobre o CsO, quer dizer um fenômeno de acumulação, de coagulação, de sedimentação que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações, dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil” [Deleuze, 1996:21].

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOUGNOUX, D. [1998]. *Introdução às ciências da comunicação*. Bauru, São Paulo, EDUSC, 1999.

BYSTRINA, Ivan [1995]. *Tópicos de semiótica da cultura*. São Paulo, PUC (mimeo.).

CHAUÍ, M. [1999]. *Convite à filosofia*. São Paulo, Ática.

CHAUVEL, Lucrecia Escudeiro [1992]. “Umberto Eco, os anos 60 e os “Estudos Culturais”. In: *Revista Margem*. Faculdade de Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo/Fapesp. – N.07 (agos. 1998) – São Paulo, EDUC, pp.111-120.

COELHO JR, Nelson Ernesto [2003]. “Da intersubjetividade à intercorporeidade: contribuições da filosofia fenomenológica ao estudo psicológico da alteridade”. In: *Psicologia USP*. São Paulo, v. 14, n. 1, pp. 185-209.

COLETIVO NTC [1996]. *Pensar-pulsar: cultura comunicacional, tecnologias, velocidade*. Coletivo NTC, São Paulo Ed. NTC.

- DELEUZE, Gilles [1975]. *A lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- _____. [1988]. *Foucault*. São Paulo, Ed. Brasiliense.
- _____. [1992]. *Conversações, 1972-1990*. Rio de Janeiro, ed. 34 Ltda, 2000.
- _____. [1997]. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia, v.2 e 3*. Rio de Janeiro, Ed. 34, 1995.
- DERRIDA, Jacques [1973]. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- FRANÇA, Veiga [2001]. “Paradigmas da comunicação: conhecer o quê?”. *Ciberlegenda*, Número 5.
- _____. [2001]. “O objeto como comunicação/A comunicação como objeto. In: *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. HOHLFEDLDT, A; MARTINO, L.; FRANÇA, V. (org.). Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.
- FREITAS, Jeanne Marie Machado de [1992]. *Comunicação e psicanálise*. São Paulo, Escuta, 1992a.
- _____. [1992]. *Bemaldividida*. São Paulo, Edusp, 1992b.
- GOMES, M. Rodrigues [2001]. *Repetição e diferenças nas reflexões sobre comunicação*. São Paulo, Annablume.
- KAMPER, Dietmar. “As máquinas são tão mortais como as pessoas: uma tentativa de excluir o telemático do pensamento. Trad. Ciro Marcondes Filho. In: <http://www.eca.usp.br/nucleos/filocom/home.html>.
- _____. “Corpo”. In: *Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia*. Tradução Norval Baitello. Texto publicado em: *Cosmo, Corpo, Cultura*. Enciclopedia Antropológica. A cura di Christoph Wulf http://www.cisc.org.br/portal/modules.php?name=Downloads&d_op=viewdownload&cid=1.
- _____. “Estrutura temporal das imagens”. In: *Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia*. Tradução Norval Baitello. http://www.cisc.org.br/portal/modules.php?name=Downloads&d_op=viewdownload&cid=3.
- LACAN, G [1999]. “O familionário”. In: *Livro 05: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- _____. “O bezerro de ouro”. In: *Livro 05: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.
- LINS, D. [1999]. *Antonin Artaud: o artesão do corpo sem órgãos*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2000.
- MARCONDES FILHO, Ciro. [1991]. *Sociedade Frankstein*. São Paulo, mimeo.
- _____. [1994]. *Sociedade tecnológica*. São Paulo, Scipione, 1994.

_____ [1999] *Viagem na irrealidade da comunicação: o princípio da razão durante*. Cópia mimeo.
Cenários do novo mundo. São Paulo, 1994.

_____ [2004]. *Até que ponto, de fato, nos comunicamos?: uma reflexão sobre o processo de individuação e formação*. São Paulo, Paulus.

MARTÍN BARBERO, Jesús [1995]. “América Latina e os anos recentes: os estudos da recepção em comunicação social. In: *Sujeito, o lado oculto do receptor*. SOUZA, Mauro Wilton (org.). São Paulo, Brasiliense, 1995.

MATTELART, Armand & Michèle [1995]. *História das teorias da comunicação*. São Paulo, Loyola, 1999.

MORIN, Edgar [2000]. *A cabeça bem-feita*. RJ, Bertrand Brasil.

MERLEAU-PONTY [1971]. *Fenomenologia da percepção*. Lisboa, Martins-Fontes, 2001.

POLISTCHUK, I.; TRINTA, A. R. [2002]. *Teorias da comunicação: o pensamento e a prática da comunicação social*. São Paulo, Campus.

PROSS, Harry [1987]. *Introducción a la ciência de la comunicación*. Barcelona, Anthropos, 1990.

SFEZ, Lucien [1988]. *Crítica da comunicação*. São Paulo, Loyola, 1994.

SODRÉ, Muniz [2002]. *Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede*. Petrópolis, Rio de Janeiro, Vozes.

_____ [2001]. “O objeto da comunicação é a vinculação social”. PCLA-Volume 3-número 1: outubro/novembro/dezembro, 2001. Disponível em:
<<http://www.umesp.com.br/unesco/PCLA/revista9/entrevista%209-1.htm>>. Acesso em: 10 de nov. 2003.

SOUZA, Mauro Wilton de [1995]. “Recepção e comunicação: a busca do sujeito”. In: *Sujeito, o lado oculto do receptor*. SOUZA, Mauro Wilton (org.). São Paulo, Brasiliense pp.13-38.

VIDAL, Eduardo [2000]. “Heterogeneidade Deleuze-Lacan”. In: *Gilles Deleuze: uma vida filosófica*. ALLIEZ, Eric (org.). São Paulo, Ed. 34, pp. 479-494.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa, Presença, 1999.

WOLTON, Dominique [1997]. *Penser la communication*. Flammarion, Champs.

_____ [2000]. *Internet et après? Une théorie critique des nouveaux médias*. Flammarion, Champs.